

Caderno de Percurso

1º EDIÇÃO DO CURSO DE FORMAÇÃO

DE GESTORES CULTURAIS

ESCOLA DO OLHAR – MUSEU DE ARTE DO RIO

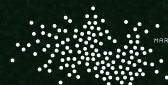
LABORATÓRIO DE ESPAÇOS CULTURAIS®

OEI

Organización de Estados
Iberoamericanos
Organização de Estados
Ibero-americanos



MUSEU DE ARTE DO RIO



MAPA PORTO CONSULTORIA



Rio
PREFEITURA

CULTURA



1º EDIÇÃO DO CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS
ESCOLA DO OLHAR – MUSEU DE ARTE DO RIO
LABORATÓRIO DE ESPAÇOS CULTURAIS®

Outubro 2022

EXPEDIENTE

Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI)

Museu de Arte do Rio

Mariano Jabonero
Secretário-Geral da OEI

Raphael Callou
Diretor e Chefe da Representação da OEI no Brasil

Sandra Sérgio
Diretora Executiva do MAR
Coordenadora Nacional de Projetos Especiais da OEI no Brasil

Alexandro Lima
Coordenador-Geral de Administração

Amira Lizarazo
Coordenadora Nacional de Administração e Finanças

Rodrigo Rossi
Coordenador Nacional de Cooperação e Desenvolvimento

Luiz José da Silva
Gerente Nacional de Administração

Telma Teixeira
Gerente Nacional de Implementação

Lícia Moura
Gerente Nacional de Desenvolvimento

Fábio Ferreira Mendes
Gerente Nacional de Tecnologia

Marcelo Campos
Curador Chefe

Amanda Bonan
Gerente de Curadoria

Andrea Zabrieszach dos Santos
Gerente de Museologia

Gisele de Paula
Gerente de Operações e Patrimônio

Jaqueline Roversi
Gerente de Eventos

Marcelo Henrique Andrade
Gerente de Comunicação

Matheus Silva
Gerente de Planejamento e Projetos

Patrícia Dias
Gerente de Educação e Escola do Olhar

Stella Paiva
Gerente de Produção

Alexandra Souza
Assistente de Arquitetura

Alverindo Borges
Oficial de Manutenção Hidráulica

Alice Silveira
Produtora da Escola do Olhar

Amanda Minguta
Assistente Administrativa

Amanda Rezende
Assistente de Curadoria

Andréia da Silva Oliveira
Educadora

Bruna Nicolau
Museóloga

Caroline Silva
Analista de Infraestruturas e Sistemas

Caio Corato
Estagiário de Museologia

Cayo Lima
Assistente Administrativo

Daiani Araújo
Educadora

Fernando Porto
Educador Pleno

Gabriela Estolano
Educadora

Guilherme Marins
Educador

Herbert Miranda
Educador

Jean Carlos
Assistente de Curadoria

João Viveiros Jorge
Estagiário de Comunicação

Josecleiton dos Santos
Oficial de Manutenção Elétrica

Karen Merlim
Bibliotecária

Keith Soares
Analista Administrativa

Luana Santos
Estagiária de Museologia

Lucas Pires
Assistente de Diretoria

Marcos Inácio Meireles
Supervisor de Montagem

Maria Rita Valentim
Analista de Educação

Márcia Santos
Produtora Executiva

Nara Campos
Bibliotecária e Mediadora Cultural

Nathan Emerenciano Gomes
Assistente de Operações e T.I

Nicholas Bastos
Assistente de Produção

Pietra Motta
Educadora

Priscila Zurita
Assistente de Museologia

Priscilla Souza
Educadora de Projetos

Renata de Almeida
Assessora de Comunicação

Renato Dias
Montador

Rosinaldo José de Oliveira
Supervisor de Manutenção

Ruanna Sander
Produtora da Escola do Olhar

Saturno Douglas
Assistente de Produção

Tatiana Paz
Educadora

Thainá Nascimento
Assistente de Projetos

Wellington Rodrigues Ribeiro
Assistente Administrativo
da Escola do Olhar

Wesley Sabino
Fotógrafo

Yago Feitosa
Educador de Projetos

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO
Rio de Janeiro City Hall

Eduardo Paes
Prefeito

Marcus Faustini
Secretário Municipal de Cultura

Flávia Piana
Subsecretária de Cultura

Douglas Rezende
Chefe de Gabinete – SMC

Heloísa Queiroz
Gerente de Museus

CONSELHO MUNICIPAL DO MUSEU DE
ARTE DO RIO – CONMAR

Luiz Chrysostomo
Presidente

José Roberto Marinho,
Geny Nissenbaum, Hugo Barreto,
Marcus Faustini,
Luiz Paulo Montenegro,
Marcelo Calero, Paulo Niemeyer Filho,
Pedro Buarque de Holanda,
Ronald Munk
Conselheiros

INSTITUTO ODEON
Correalização

Carlos Gradim
Diretor Artístico

Roberta Kfuri
Diretora de Operações e Finanças

Márcia Rego
Coordenadora de Produção

Alexa Oliveira, Alice Corrêa,
Douglas Bastos, Leandro Moraes,
Leticia Falcão, Raphaela Machado,
Renato Alexandre, Thaynara Rosa e
Vanda Batista
Equipe Técnica

CONSELHO DO INSTITUTO ODEON

Bruno Pereira
Presidente

Emilia Paiva, Adriana Karla Rodrigues,
Tatyana Rubim, Renata Salles,
Ingrid Mello, Mônica Bernardi
Conselheiros

1ª EDIÇÃO DO CURSO DE FORMAÇÃO
DE GESTORES CULTURAIS

MÓDULO I –
Laboratório de Espaços Culturais®

Marta Porto
Idealização e Coordenação
Caderno de Percurso

André Martinez
Renata Bittencourt
Convidados Edição 2022

Carla Nieto Vidal (gengibre criativo)
Sistematização
Caderno de Percurso

MÓDULO II –
Captação e Gestão de Recursos

Renata Salles
Coordenação

Élida Murta – Trema Textos
Revisão

Artur Porto – MPC
Projeto Gráfico e Diagramação

Participantes

Ana Carolina Gomes Machado
Anatacha Sczesny Lochi
Anna Luisa Santos de Oliveira
Arthur de Oliveira Ensenat
Beatriz Morgado de Queiroz
Carlos Henrique Vieira da Cunha
Daniel Wolf Trindade Silva
Day Medeiros
Fernando França Teixeira Leite
Gustavo Perdigão
Ilca Angela Fonseca Santos da Silveira
Jacob Miguel El-Mokdisi
Jean Vital de Souza
Joana Penêdo da Conceição
José Lindemberg (Berg) Farias da Silva
Juliana Gonçalves Ramos de Souza
Karen Rafaelle de Oliveira Cury Aguiar
Karyne dos Passos Oliveira Santos
Keith Ribeiro Jesus Soares
Leticia Rodrigues Bastos Rosa da Silva
Lidiane Figueira de Campos Malanquini
Lorena Gomes de Souza
Mariana Cunha Callegario
Murilo Ferreira Quintão
Paulo Henrique Violante Pinto
Phaedra Oliveira Lessa
Priscila Andrade
Rafaela Romualdo Belo Guse
Renata de Araújo Barbosa
Rodrigo Andrade Alvarenga
Samara Barroso Marques
Suellen Pereira de Souza
Wellington Rodrigues Ribeiro

O Laboratório e a edição conjunta com a Escola do Olhar

O Laboratório de Espaços Culturais é um espaço de formação realizado desde 2015 no Centro de Pesquisa e Formação, do Sesc SP. Constrói-se como um campo de experimentação nas áreas de artes e cultura que se propõe a investigar, através de processos colaborativos, temas contemporâneos que mobilizam os profissionais que lideram ou colaboram com a gestão de espaços culturais.

Como campo de experimentação e investigação, estrutura suas edições anuais a partir de perguntas-chave propostas pelo grupo de participantes e co-gestores a cada edição.

A edição de 2022, elaborada em conjunto com a Escola do Olhar, Museu de Arte do Rio, é um esforço para promover o encontro, o acolhimento e o debate entre profissionais que atuam à frente de instituições e equipamentos culturais ou realizam festivais, programas, projetos artísticos independentes, todos profundamente impactados pela pandemia do coronavírus e pelo efeito de crises combinadas: política, ambiental, social e sanitária.

O programa 2022 propõe explorar o campo da cultura - suas instituições, programas e projetos - como espaço de invenção da cidade e do nosso presente-futuro, através de uma imersão em conteúdos, experiências e práticas de gerenciamento e liderança de espaços culturais, fazendo uso de ações de reflexão e construções colaborativas com os participantes.

Registros Fotográficos: Wesley Sabino



Entre os objetivos do laboratório, estão:

Apresentar um mosaico de experiências e ideias inovadoras realizadas por espaços culturais nos mais diversos campos do conhecimento;

Inspirar os espaços e os gestores culturais a repensarem suas ações de curadorias, programas educacionais e de trocas comunitárias, de desenvolvimento de públicos, espectadores e audiências;

Compreender como os espaços e projetos vêm contribuindo para o desenvolvimento das artes, da criação à recepção;

E, especialmente, abrir um espaço rico para a troca de experiências e o diálogo entre os gestores culturais.

Os participantes se reuniram em setembro de 2022 para construir juntos esse processo.



Nota sobre a metodologia

O Laboratório é um campo aberto construído em processo colaborativo com seus participantes.

Nosso compromisso, como coordenadores do trabalho, é oferecer conteúdos, práticas inspiradoras, ferramentas e painéis de debates que ampliem a percepção e o conhecimento do campo, em sua multiplicidade, conflitos e discussões levadas a cabo no tempo presente.

A dinâmica é estruturada em três pilares complementares:

a. Imersão no campo

Conteúdos inspiradores que fazem emergir *insights* e reflexões;

b. Experimentação

Painel de ferramentas com foco nas práticas de gestão cultural contemporâneas;

c. Colaboração

Práticas colaborativas para o fazer juntos.

Os participantes recebem um Guia preparatório com o roteiro e o plano de trabalho. Um repositório *on line* é organizado como espaço interativo para apresentações individuais e de divulgação dos materiais de consulta, referências bibliográficas e dicas de repertório para consulta e pesquisa.

Seguindo a metodologia interativa do nosso laboratório os materiais de consulta e pesquisa são organizados pelas seções DICAS DE REPERTÓRIOS de livre acesso para os participantes.

Os materiais preparatórios e os conteúdos editoriais são coordenados pela Gengibre Criativo, associada ao programa do Laboratório desde 2020, com direção de arte de Artur Porto. Estes materiais são fundamentais para garantir a objetividade e os avanços do grupo em seus desafios de formação.

Ao final do processo de cada edição é publicado um caderno de percurso. Conheça [aqui](#) o Caderno de Percurso da Edição 2020.



Sumário

14	Editorial
15	Nota da instituição – Raphael Callou
16	A responsabilidade com a cultura – Patrícia Dias
19	A Cultura como espaço de reinvenção – Marta Porto
24	Imersão e Experimentações – três categorias emergentes
26	Encantamento
34	Erro e imprevisto
40	Trânsitos e deslocamentos
48	Rizomas
52	Trocar, colaborar: a roda da vida – Carla Vidal
54	Rizoma 1 – Renata Bittencourt
56	Rizoma 2 – André Martinez
60	Rizoma 3 – Priscilla Souza
61	Rizoma 4 – Renata Salles
62	Constelação
88	Ler, Ver e Escutar

Editorial

1ª Edição do CURSO DE GESTORES DE GESTORES CULTURAIS

O Museu de Arte do Rio tem como uma de suas missões promover a gestão e a produção cultural em diálogo próximo e constante com a educação. Nesse sentido, traçamos um horizonte que é o nosso grande diferencial: somos um museu que tem uma escola e, ao mesmo tempo, uma escola que tem um museu. A partir do trabalho da Escola do Olhar, cumprimos o nosso dever social e conseguimos efetivamente conectar a arte e a educação.

Em 2022, a Escola do Olhar avançou no caminho dessa integração ao lançar a 1ª edição do Curso de Formação de Gestores Culturais, criado para ser um espaço de debate e acolhimento entre profissionais que atuam à frente de instituições e equipamentos culturais do município do Rio de Janeiro.

Na edição deste ano, demos mais um passo para ativar o verdadeiro potencial da cultura como força criadora e inventora da cidade e do nosso presente-futuro, concebendo um ambiente de imersão em experiências e práticas de liderança de espaços artísticos e inspirando os gestores culturais a repensar suas ações educacionais e de curadoria.

A partir desse encontro tão rico em diálogo e troca de experiências, o MAR, por meio da Escola do Olhar, consolida e revigora a sua vocação de ser um museu plural e diverso, sempre comprometido com a valorização da cultura carioca e aberto à criatividade e à inovação dos agentes culturais da nossa cidade.

Boa leitura!

Raphael Callou

*Diretor e Chefe da Representação
da OEI no Brasil*

A responsabilidade com a cultura

Patrícia Dias

“Responsabilidade com a cultura é a responsabilidade com sua própria vida, tudo é cultura”.

Gilberto Gil

O setor cultural exerceu um papel essencial para que atravessássemos o isolamento social com vida, ao lado das vacinas e de outras medidas de saúde pública. Cultura também é saúde. Como Gil disse, cultura é tudo. Ironicamente, ainda que responsável por cerca de 2% do Produto Interno Bruto brasileiro (Firjan), a estagnação do setor gerou demissões em massa e prejudicou amplamente artistas, empreendedores e fazedores do campo da cultura.

No ano de 2022, com o avanço da vacinação, a ciência nos permitiu ensaiar novamente o retorno de celebrar o encontro. Com isso, também começamos a ensaiar o retorno das ações presenciais da Escola do Olhar, no Museu de Arte do Rio (MAR). Motivados por todo esse contexto e partindo da necessidade de se discutir o presente-futuro do campo da cultura, a Escola do Olhar trouxe a 1ª edição do Curso de Formação de Gestores Culturais no MAR, uma iniciativa que teve

como finalidade contribuir para o desenvolvimento e a abertura de um espaço para as trocas de experiências e o diálogo entre os gestores e fazedores de cultura de diferentes equipamentos municipais do Rio de Janeiro.

Nossa 1ª edição do curso teve no primeiro módulo a metodologia do Laboratório de Espaços Culturais, coordenado por Marta Porto, com a participação de André Martinez, Renata Bittencourt e da equipe da Escola do Olhar. Para finalizar, no segundo módulo contamos com Renata Salles, especialista na área de captação de patrocínios e parcerias.

A Escola do Olhar tem como princípio que baseia todas as suas ações e o seu pensamento o diálogo com o outro. É desse encontro, do eu, o outro e a cultura, que significados e afetos são criados. Assim, a própria metodologia do curso de formação de gestores foi pautada pela escuta dos diferentes territórios onde os participantes e os aparelhos culturais estão inseridos. De que adianta oferecer algo que está desconectado da identidade do público, da história do território e das relações políticas mais amplas? Assim não falamos com ninguém, fazemos cultura para dentro, conversamos com programas institucionais e não com as próprias pessoas. Então, esse é um paradigma que privilegia o público como primeiro interlocutor no trabalho inicial de pensar o conceito das programações culturais e sobre tirar a arte de um lugar intocável e superior. Já adotamos isso na Escola do Olhar, na interlocução com o público, com alunos e com professores da rede municipal de ensino, mas essa é a primeira vez que o fazemos em parceria com fazedores e gestores de diversos territórios e equipamentos culturais. Assim, a Escola se dedicou ao desafio de estabelecer essas novas interlocuções e como a sua metodologia poderia mediar esse encontro.

Diferentes perfis de profissionais compuseram esse grupo com o qual mergulhamos no exercício de pensar como podemos reinventar a cultura, sendo convidados a algumas reflexões: Para que servem os espaços culturais? Como podemos promover pertencimento de

maneira que os equipamentos afetem os territórios e os territórios afetem de volta os equipamentos? Como nos abrimos e abrimos o espaço cultural para o incômodo, para assim oportunizar a experimentação? Como compreender a potência de introduzir nossa história pessoal para também trazer nossas experiências?

Fomos, assim, movidos pela noção de que cultura está em toda parte e que deve se encontrar na unidade de nossa responsabilidade individual e coletiva.

Patrícia Dias

Gerente de Educação e Escola do Olhar no Museu de Arte do Rio (MAR).

Cultura como espaço de reinvenção

Marta Porto

Quando chegou o convite da Escola do Olhar para organizarmos conjuntamente, ainda em 2022, uma edição do Laboratório de Espaços Culturais, minha primeira reação foi de dúvida sincera. Teríamos pouco tempo para estruturar um processo que pela natureza do laboratório exige uma imersão com todos que dele participam. E naquele junho de 2022, o sentimento coletivo que se sobrepunha a todos os outros era de profundo esgotamento diante das crises combinadas que o Brasil soube promover nos últimos quatro anos. Diante dos mais de 700 mil homens, mulheres, crianças e jovens mortos pela pandemia do coronavírus e um processo eleitoral que já ganhava contornos de tensão política, a pergunta correta a ser feita é a se conseguiríamos mobilizar a motivação e o sentido de esperança necessários para uma jornada de muitas horas de trabalho concentrada em cinco dias.

Como toda realização cultural também é alimentada pelo risco criativo e pelo imprevisto, a decisão das equipes foi de assumir a conjuntura e colocar o laboratório para rodar. E este foi o primeiro movimento de reinvenção que o laboratório produziu e que desafiou o nosso percurso de trabalho construído com os gestores e realizadores de cultura, vindos de realidades, regiões e fazeres culturais diversos. A outra premissa importante a orientar os dias intensos de trocas foi a de reconhecer as tensões políticas e sociais que mobilizam a sociedade

como inerentes à prática cultural e a obrigação das instituições de arte e cultura de responderem a elas. O tema transversal que permeou os nossos dias foi – através da discussão dos conflitos entre as visões e experiências de vidas daquele corpo de pessoas trabalhando juntas – o de encontrar as inspirações e ideias que tivessem consistência para guiar nossas respostas a essas tensões, criando um sentido próprio de trabalho.

Transformar a matéria bruta do luto, das guerras urbanas, do esgarçamento da vida pública (com o aumento da fome e da vulnerabilidade social que muitos sentiam em suas vidas pessoais), em forças simbólicas para renovar as práticas do trabalho cultural. Olhando especialmente para aqueles lugares que oferecem um sentido singular ao nosso campo de atuação, como a possibilidade de promover encantamento e dar ao erro e ao imprevisto um espaço de reconhecimento social.

Em tempos de abalo de confiança nas instituições e de exaustão das respostas e soluções convencionais, é importante olhar para as pegadas simbólicas da evolução da humanidade com o valor do aprendizado que elas nos oferecem e se permitir abrir as comportas da imaginação, recurso de sobrevivência que diferencia nossa espécie. E são especialmente as artes e as ciências que oferecem este lugar de forma objetiva: criar é nossa fonte de trabalho, duvidar uma ferramenta poderosa que sela um compromisso com a impermanência das respostas e das soluções fáceis.

A edição da Escola do Olhar foi capaz de demarcar estes princípios como uma bússola da criação em grupo. Da minha parte, pude rever conceitos e refletir sobre os limites para as mudanças que sonhamos à luz das experiências trazidas pelos jovens gestores e fazedores culturais que lutam diariamente por ver suas ideias e seus projetos reconhecidos pelas instituições. Lidando com contextos ricos de oportunidades e de diversidade e superando obstáculos burocráticos, envelhecimento e arrogância institucional, esses jovens inventam e inovam noções e metodologias socioculturais no cotidiano de

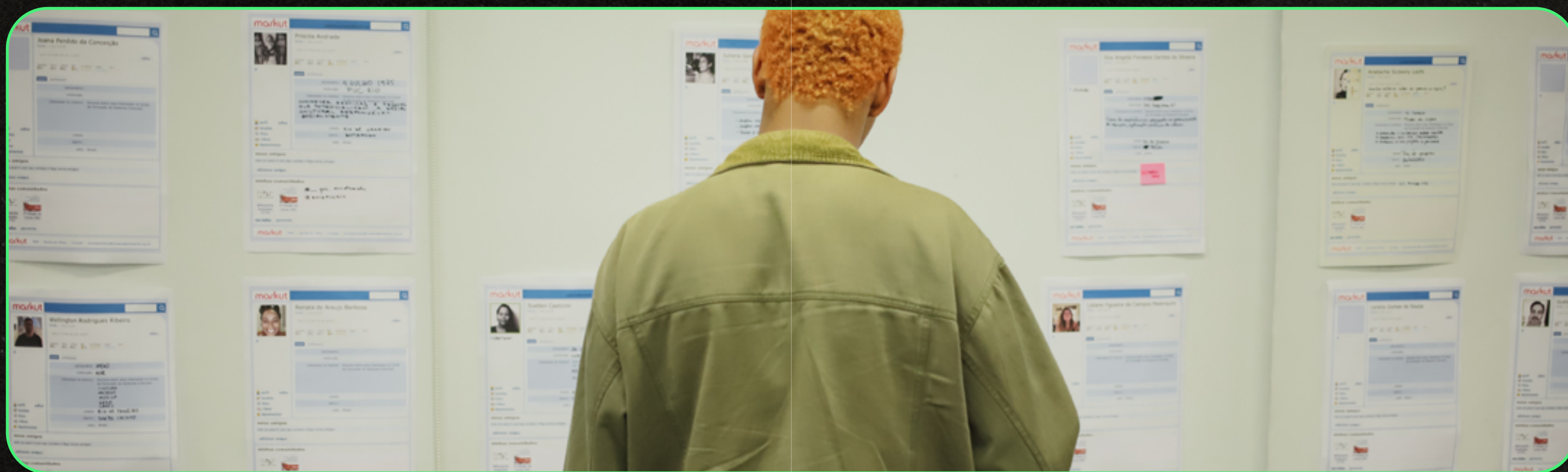
suas práticas. É nesse lugar que moram as possibilidades de reinvenção das políticas culturais. Cabe a quem lidera as instituições um exercício genuíno de humildade assumindo o compromisso de confiar nos caminhos que estão sendo traçados, renunciando a paradigmas e formas de diálogo que já se mostram insuficientes para a refundação do nosso campo de atuação.

Um laboratório é antes de tudo um espaço de experimentação, um lugar de diálogo colaborativo, fonte de imaginação prática para inspirar formas de compreender e atuar. E como sublinhei acima essa edição mexeu profundamente com minhas crenças e meu lugar de mediadora de conhecimentos. Colaborou para uma reflexão de fundo e para abrir um deslocamento necessário para enxergar novos lugares e horizontes colaborativos.

Espero que todes que entrem em contato com este caderno de percurso possam também se sentir tocados por essa incerteza criativa.

Marta Porto

Fundadora do Laboratório



**"A poesia, a música, uma pintura
não salvam o mundo. Mas salvam
o minuto. Isso é suficiente."**

Matilde Campillo, escritora portuguesa.



Imersão e Experimentações

Três categorias emergentes

Três noções conduziram o preparo e o desenvolvimento dessa edição do Laboratório:

- A Encantamento**
- B Erro e Imprevisto**
- C Trânsitos e Deslocamentos**

Como marcas do tempo contemporâneo, são expressões que atravessam toda a reflexão e a prática de quem se dedica ao fazer cultural.

Funcionaram como premissas orientadoras de condução dos trabalhos, mapeadas por meio da observação cotidiana dos acontecimentos nos campos político, social, econômico e cultural.

Encantamento

A

(en.can.ta.men.to)

1. Encanto. **2.** Sensação de admiração ou prazer despertada ao se ver, ouvir ou perceber algo muito, bonito, sedutor, etc; fascínio.



Considerando que viver é artimanha que se cultiva entre aquilo que se enxerga e aquilo que mora no invisível, seguimos o rastro da flecha que atravessa o tempo: o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto. Para os saberes que margeiam essa terra e sopram ar, hálito e palavras de força para afugentar o espectro colonial, vida e morte transbordam os limites de uma compressão meramente fisiológica para se inscrever em outras dimensões."

Luis Antonio Simas e Luiz Rufino

Ferramenta essencial para a sobrevivência humana

há diversos séculos, o encantamento é necessário nos momentos de reconstrução.

Experiências ligadas à noção de encantamento aparecem em estudos globais como uma tendência cada vez maior de serem incorporadas pelas pessoas no seu cotidiano como prática de bem-estar.

Como emoção coletiva, o encantamento diminui a perspectiva do 'eu' e ajuda a expandir o mundo.

Em 2024 o encantamento será o maior conector numa era de fragmentação. Hoje, mais do que nunca, é importante encontrar maneiras de conectar-se, ajudar-se mutuamente, ouvir, colaborar e curar.

Nos processos de elaboração do campo cultural, o encantamento é o principal vetor de inspiração, o que dá sentido singular para a prática cultural, em especial quando ela se organiza em projetos, programas e ações.



Experimentações

1. Encantar-se: a chegada



IMAGINAÇÃO CÍVICA

JOSEPH
CAMPBELL

Quando a Terra é avistada
da Lua, não são visíveis nela,
as divisões em nações ou
estados. Isso pode ser a
simbologia da mitologia futura.
Essa é a nação que iremos
celebrar, essas são as pessoas
às quais nos uniremos"

O PODER
DAS ARTES

imaginação

POVOAR O MUNDO
DE INSPIRAÇÕES

ABRIR ESPAÇO PARA
A EXPERIMENTAÇÃO,
O NOVO, O
INCÔMODO

CONEXÃO
TEMPO
PRESENTE

*Tempo, tempo mano
velho, falta um tanto
ainda eu sei | Pra você
correr macio*



Manifestantes jogam a estátua de Edward Colston no porto de Bristol (foto: Ben Birchall, PA Wire)

2. Como categoria, o encantamento foi trabalhado nos conteúdos das aulas expositivas

CONVOCAR
PARA O
ENCONTRO

imaginação

TRABALHAR
PELA
ALTERIDADE

CONVITE AO
DIÁLOGO

Poética dos encontros –
Senso Comunitário

Netherlands Architecture Institute, Rotterdam

Cultural

Maria Vlachou



< Carla Vidal > Victor Mariyama | ISA



IMERSÃO E EXPERIMENTAÇÃO

3. No processo colaborativo e nas interações entre os participantes



Erro e Imprevisto

B

(er.ro)

1. Ato ou efeito de errar. **2.** Juízo ou julgamento em desacordo com a realidade observada; engano.

(im.pre.vis.to)

(im- + previsto) **1.** Não previsto; que não se previu. **2.** Que surpreende e surge de repente. **3.** Imponderável, imprevisível, extraordinário.



Temos que celebrar o poder da intuição, nos interessar por tudo que não é visível. A curiosidade é o átomo que cria o mundo”.

“Fazer é mais importante que acertar. Aqui e agora nossa lição é aprender e saber viver este momento duro e reinventar nossos afetos. Desapego, curiosidade, intuição, paixão são os gestos que podem nos levar adiante.”

Batman Zavareze

Essas duas noções – erro e imprevisto –, trabalhadas em unicidade, surgem primeiro na **Edição de Emergência Cultural**, realizada pelo Sesc SP em fins de 2020, durante a pandemia de Covid-19. Os participantes daquela edição, trabalhando com o luto pessoal e coletivo, colocaram em cena a importância da prática cultural assumir como território consciente as noções de erro, risco e imprevisto.

Nesta edição, retomamos essas noções como norteadores da ideia de “espaço de reinvenção”, revivendo as questões trazidas pelos participantes de 2020 e buscando avançar ao trabalhar coletivamente com o grupo de 2022 as reflexões e ações realizadas durante e no pós-pandemia, em que suas vidas e suas comunidades foram e permanecem atravessadas pela dor das perdas de familiares, pessoas queridas e também das condições sociais e econômicas que vulnerabilizaram de forma drástica o fazer cultural.

Do caderno de percurso de 2020, tiramos a inspiração do painel realizado entre Marcus Faustini, atual Secretário Municipal de Cultural do Rio de Janeiro, Batman Zavareze e Fábio Delduque, ambos curadores e diretores de festivais.

A primeira questão que surgiu na conversa foi a indissociável necessidade de criar e agir a partir de um **território consciente**, não apenas como campo para a ação, mas como fonte de inspiração e prática. A segunda questão que surgiu nesse encontro foi sobre a importância da **intuição** como parte da práxis artística e do risco como elemento que tensiona a realidade e mobiliza para evoluções constantes no mundo das artes, da curadoria e da gestão cultural. O terceiro ponto fala do **processo vivo e contínuo** – a complexa cadeia de práticas, planejamento, experimentos e associações que não acaba quando um determinado projeto termina –, que se mantém ativo como uma engrenagem que retoma o fluxo do fazer.



Experimentações

1. O Carteiro e o Poeta



Quando Pablo Neruda e Mário Ruoppolo se encontram na praia e cada um, a seu jeito, tem uma epifania a partir da interação com o conhecimento do outro, foi utilizado como dispositivo pedagógico para introduzir a ideia de **imprevisto**, ligado ao sentimento de **extraordinário**, singular no campo das artes e da literatura.

[Youtube](#)



2. André Martinez



A dança harmônica do universo me inspira. Sou fascinado pelas relações entre as partes, pela música das interdependências, que criam um todo elegante e cheio de significado.

O que me move é ver a beleza da vida criando. Uma beleza que convida a apreciar juntos, viver juntos. Dos formigueiros cultivados em potes de geleia na infância, ao pequeno jardim que me envolve no lugar onde trabalho atualmente, passando pelas coreografias nos coletivos em que dancei, o fascínio sempre esteve no desencadear de um movimento e em apreciar as coisas vivas irem se inter-relacionando, enredando, gerando, ganhando uma ordem, criando algo que eu acho lindo.

A natureza segue sempre o seu vir a ser, há uma coerência em todo desenvolvimento. E graças aos erros e imprevistos, há criatividade em todo desenvolvimento. Estudando David Bohm, aprendi que não há caos no universo, mas ordem em graus cada vez mais complexos, a ponto de não conseguirmos compreendê-los. É por isso que celebro cada tropeço como uma valiosa oportunidade para um salto.

Trânsitos e deslocamentos C

(tran·si·to)

1. *Transito vem do verbo transitar. O mesmo que: passo, percorro, ando, caminho, tráfego, circulo, viajo.* 2. *Passar em trânsito, fazer caminho.* 3. *Mudar de estado, sofrer transição.*



A gambiarra é um questionamento prático do *status quo*. Como é que, obedecendo a regra, eu mudo as coisas? Não é bom a gente estimular as pessoas a quebrarem as regras; a ideia é obedecer desobedecendo. Isso é a gambiarra social, estrutural. Mostrar o que deveria acontecer, mas pela regra não está acontecendo. Fazer com que aconteça, cumprindo e descumprindo a regra ao mesmo tempo.”

Sílvia Meira

Fazer caminho, percorrer novas ideias, rever ou reafirmar as antigas, mudar de estado, estrutura todo o percurso do laboratório de espaços culturais desde a sua origem.

Os dispositivos são experimentados de acordo com o perfil da instituição que constrói conjuntamente o processo e o grupo de participantes.

A Escola do Olhar ampliou o escopo deste verbete ao propor exercícios de autoconhecimento pessoal e de encontro coletivo que puderam ser revistos pelo grupo ao final do processo, ressignificando-os.

Ao mesmo tempo, os convidados, como Renata Bittencourt e André Martinez, acionaram reflexões fundamentais como as de revisão da ética e da visão que ainda rege as instituições culturais, à luz dos processos de decolonização e de participação diversa da sociedade civil em suas formulações e conquistas, e dos processos colaborativos que introduzem novos dispositivos para o pensar e as práticas culturais.



Experimentações

1. Nosso mapa em linhas





2. Deslocando os sentidos para acolher o diálogo



A presença da educadora e gestora de museus Renata Bittencourt foi apontada pelos participantes como um ponto alto do laboratório.

A escolha pedagógica de construir sua participação em formato de diálogo aberto trouxe uma camada de afetividade, simplicidade e calma para o percurso, abrindo conexões vivas com as histórias de vida do grupo e as interações dos conhecimentos com questionamentos dos territórios de prática.

Bittencourt costurou um processo de mediação no qual questões contemporâneas, como da maior participação dos movimentos sociais e os processos de decolonização dos museus, pressionam as grandes instituições culturais a serem reveridas, ao mesmo tempo que as novas e menores oxigenam o campo cultural abrindo outras formas de aprendizagem, metodologias e gestão para a cultura.



3. As consignas do processo colaborativo



A partir dos repertórios e provocações gerados com as exposições, as pessoas participantes lançaram mão da inteligência coletiva do grupo para explorar e qualificar seus próprios casos e projetos e cocriar ações em comum.

Foram dois encontros colaborativos de quatro horas cada para cocriar ideias com todos os participantes com ideação de caminhos e projetos em comum com foco nos territórios e confluências da cidade do Rio de Janeiro.

A principal referência para a facilitação das atividades colaborativas é foi a abordagem das Práticas Sociais Reflexivas ([The Protheus Initiative](#)), inspirada na fenomenologia goetheana, que propõe um modo radicalmente vivo e delicado de observar, pensar e interferir em processos sociais.



Rizomas

Trocar, colaborar: a roda da vida – Carla Vidal

- 1 **Renata Bittencourt**
- 2 **André Martinez**
- 3 **Priscilla Souza**
- 4 **Renata Salles**



O termo originário da botânica apresenta as dimensões colaborativas da natureza, onde as raízes e o centro não estão presentes, mas se espalham por todo o território de forma horizontalizada.

Os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari foram buscar na terminologia a aproximação para definir práticas individuais e coletivas que evidenciam a natureza intrínseca dos fluxos, conexões e multiplicidade. Quando o centro

se desloca, a vida ganha força, amplifica-se assim como o pensamento, o conhecimento e a ação.

Durante o laboratório, essa perspectiva ficou evidente, com as inúmeras iniciativas ali presentes e representadas por agentes culturais e artistas de diversas partes da cidade, com as trocas potenciais e a certeza de que o centro é cada vez mais um território expandido para as periferias. O centro está em toda parte.

Trocar, colaborar: a roda da vida

**“Clavo mi remo en el agua
Llevo tu remo en el mío
Creo que he visto una luz
Al otro lado del río.”**

Jorge Drexler.

Trecho da canção *Al otro lado del río*.

Desde os tempos mais remotos, os seres humanos aprenderam a se sentar em roda – aquecidos pelo fogo e pelos pensamentos – para narrar o mundo, num vai e vem de experiências, sentidos, ritos e visões. Essa prática ancestral, transmutada ao longo do tempo por novos arranjos e formas de escuta, sempre parece ser invocada quando o Laboratório de Espaços Culturais, proposto por Marta Porto, acontece. E, talvez, essa já seja uma dimensão muito importante de sua realização contínua: o resgate da nossa ancestralidade, que nos permitiu sentar em roda ao longo dos tempos para conversar e ritualizar, assim imaginando mundos possíveis para que pudéssemos sobreviver e evoluir até aqui.

A troca, a colaboração e o aprendizado são as dimensões mais sensíveis da nossa humanidade e, quando alicerçados na cultura e nas artes, podem criar efeitos fantásticos para a celebração do conhecimento e a manutenção da vida. O Laboratório de Espaços Culturais é sempre um alento, um abraço caloroso em meio a um tempo existencial de fragmentações e desafios cotidianos. Nesta edição, realizada no Museu de Arte do Rio, em sua Escola do Olhar, ele ocorreu num momento particularmente importante, quando nos vemos quase ao fim de uma travessia para a outra margem do rio. Agora, do outro lado, poderemos nos reconectar com uma ideia nova para a cultura, mais forte e mais viva, que possa de fato estabelecer redes reais de cooperação e sentidos institucionais consensuados para orientar as práticas para o novo tempo. É nesse momento renovado em que vamos entrar que deveremos refazer os sistemas culturais do país e de nossas diversas comunidades culturais. Um dos valores que a experiência do LAB reforça é o de que a cultura não é um fim isolado e determinado, mas sim um grande percurso que nos apresenta bifurcações, caminhos alternados, cruzamentos e horizontes diversos com outras áreas – como a ciência, a educação, o bem-estar –, que colaboram conscientemente com novos arranjos para um mundo em revisão, mas também em movimento e em desejo constante de fazer a vida em suas diversas formas de existência valer a pena.

Carla Nieto Vidal

gengibre criativo

Rizoma 1

Renata Bittencourt

Em participação especial na edição 2022 do Laboratório, Renata Bittencourt iniciou a conversa chamando a atenção para a importância de um espaço cultural deixar clara a sua visão de mundo (filosofia), a sua missão como organizadora de uma intencionalidade clara e seus programas como ações de uma ética de atuação.

A educadora apontou o questionamento pós-colonial como um fator que tem colocado na berlinda as instituições culturais, principalmente os museus. “As instituições são convidadas a deixar de se pensar como instituições que educam a sociedade, mas que, neste momento, precisam ouvir a sociedade para ser educadas, para poder entender os novos papéis que precisam assumir”. Essa nova condição exige um deslocamento das instituições para ser pensadas como “espaços de partilha”, e não como irradiadoras de um conhecimento único.

Complementando a sua participação no Laboratório, usamos a fala de Renata durante o Fórum de Diplomacia Cultural e Cooperação Internacional realizado pelo Sesc SP, de 3 a 7 de outubro de 2022, em que ela afirma que a missão de decolonizar as instituições de arte e

cultura tem que passar por todas as instâncias e todos os processos institucionais, do atendimento à direção, da pesquisa à aquisição e, também, do pensamento de gestão, que muitas vezes acaba por embutir a lógica de mercado nas instituições.

“Não pode ser apenas cosmética, só com recepcionistas dos grupos minorizados”, ela comentou. Só assim seria possível dar conta das muitas variantes culturais e sociais, e, nesse sentido, a diversidade da América Latina pode contribuir para a tomada de uma postura anti-hegemônica, segundo a gestora, como, também, para a observação de outras lógicas institucionais, como os museus comunitários, trazendo a “possibilidade de grupos e indivíduos falarem sobre suas próprias heranças”.

Ela encerrou sua fala declarando que, no embate entre decolonização e instituição, se não é possível mudar completamente o sistema vigente, há ao menos “a possibilidade da criação de relacionamentos, da mobilização de atores sociais, do estabelecimento de trocas, da criação de redes”.

Rizoma 2

O processo colaborativo

Iain McGilchrist, no livro *The Master and his Emissary*, anota que “Nossa forma de prestar atenção ao mundo afeta o mundo ao qual estamos prestando atenção” (tradução livre). O fundamento para o processo colaborativo proposto foi exercitar a capacidade do grupo, uma vez sensibilizado a partir dos temas abordados, de criar um olhar compartilhado e sistêmico para suas realidades de intervenção.

Não um olhar que buscasse resolver ou explicar as situações, o que aprisionaria a visão ao domínio dos problemas existentes, ou que intencionasse tecer uma crítica social, o que desconectaria o observador como parte inter-reativa do sistema, mas um olhar que simplesmente buscasse compreender as complexidades envolvidas, colocando-se ao mesmo tempo dentro e fora da situação observada, transformando-a tão somente ao enxergá-la de outra forma. Um olhar aberto a outras possibilidades, a outros horizontes paradigmáticos. Um olhar que observasse a situação e a si próprio como processo vivo.

O primeiro movimento colaborativo com o grupo foi uma revisão do percurso realizado até aquele momento. A turma foi dividida em três grandes grupos e em cada

um deles os participantes foram convidados a revisitar suas anotações e memórias, relembrando, revivendo e registrando observações sobre o percurso. O primeiro grupo se dedicou a revisitar o dia 1 do Lab (Panorama); o segundo, o dia 2 (Pedagogias e Ferramentas); e o terceiro, o dia 3 (Território Simbólico). A consigna sugeriu que cada participante atentasse para os conteúdos abordados, para as práticas realizadas, para os *insights* surgidos e as emoções sentidas, organizando uma narrativa linear em que fosse possível tanto observar as provocações externas como os movimentos internos surgidos a partir delas. Após um tempo de reflexão individual, cada pessoa compartilhou suas anotações com o seu grupo, dialogando para alargar leituras e percepções.

A atividade foi finalizada em uma plenária, com cada grupo compondo um relato colaborativo do dia observado. O que emergiu foi um rico retrato das complexidades dos contextos de intervenção dos participantes, dos temas abordados, do processo vivido no laboratório e do próprio grupo.

O segundo movimento propôs uma reflexão sobre a realidade de cada pessoa no campo de atividade das suas organizações: lançar um olhar para o olhar, para a forma como cada organização via a própria ação.

Esse exercício se iniciou com a elaboração de um apanhado sintético dos aspectos gerais de uma ação, um programa, um projeto real em que cada pessoa participasse diretamente. “O que essa ação faz? Quais são as circunstâncias? Quais são as atividades? A que se propõe? Quem são os profissionais e públicos envolvidos?”.

Uma vez estruturado esse contorno mais analítico da ação, o próximo passo foi lançar mão de um pensamento em movimento para uma observação do processo mais viva, imaginativa, iniciando uma espécie de jogo de espelhos: “Lembre-se dessa ação acontecendo... Como ela está intervindo no espaço social para o qual ela foi concebida? Qual é a sua prática? O que essa prática revela sobre a forma como a organização está

vendo seu papel? Como os públicos envolvidos vivem essa experiência, se relacionam com essa ação? Qual é o significado para eles? Como percebem o papel da instituição?

E a partir da sensibilidade gerada por esse exercício de imaginação, um convite reflexivo: “Haveria outra forma de a instituição ver e cumprir o seu papel? Que práticas poderiam surgir dessa mudança de percepção?”

O terceiro movimento contemplou uma atividade em que os participantes foram provocados a colaborar criando um projeto comum e, após, um projeto próprio específico, ambos pensados a partir da sensibilidade gerada nos movimentos anteriores. Foi nessa etapa que convidamos cada pessoa a operar como facilitadora, ajudando as demais a enxergar mais acerca das ideias e dos relatos compartilhados por elas. Porém, ajudar alguém a ver mais e a se colocar em movimento é completamente diferente de ajudar a resolver um problema.

Facilitar exige uma abertura à totalidade, o que significa não perder nenhuma parte, nem o todo dentro de cada uma das partes. Ver além do problema intrínseco à ideia ou à situação retratada, acessando um nível de observação que permita revelar o sentido que está por entre esse *complexus* de aspectos, movimentos, sentimentos, dimensões, da prática de idear ou de narrar o processo vivido. O fio não está num lugar, mas numa imagem que emerge desse todo em que cada mínimo detalhe conta: O que a outra pessoa está dizendo? O que ela não está dizendo? Como está mostrando sua concepção ou leitura? Que circunstâncias e relações a mobilizam ou paralisam ao propor o que propõe, ou ao relatar o que relata? Como se sente? ... e tantos outros aspectos.

Como leitor, preciso olhar para tudo isso ao mesmo tempo, e estar simultaneamente relaxado e em atividade, acessando minha ignorância, aprendendo a lidar com minhas próprias tendências, transferências e meus julgamentos. Como me sinto ao ouvir? O que sei a respeito? O que não sei? E o que acho que sei? Como isso

interfere no meu entendimento? Com um efetivo engajamento, preciso estudar como as distintas camadas do meu pensamento, intenção e emoções se constituem, tomando consciência dessa vida interna como potencial de intervenção no processo da outra pessoa, de tal forma que os olhares e pensamentos se expandam mútua e harmonicamente.

André Martinez

Rizoma 3

Escola do Olhar

Priscilla Souza

Educadora da Escola do Olhar

A construção de um curso para e com gestores culturais exprime o exercício da Escola do Olhar em se conectar com outros aparelhos culturais, no intuito de destacar e desenvolver as práticas e os desafios dentro do campo da gestão orientados pelo sentido de território.

Ao nos questionarmos para quem, com quem e para onde nossa atuação está direcionada, ampliamos nosso olhar para as especificidades de cada território e aparelho, mas também coletivizamos processos, aprendemos, ensinamos e nos fortalecemos como rede de cultura.

Dessa maneira, entendo a importância dessa ação conjunta manifestada no formato de curso para a Escola do Olhar como um território de formação e oportunidades de se rever e reinventar práticas a partir de outras perspectivas presentes no campo da arte, cultura e educação.

Rizoma 4

Curso de captação de patrocínios e parcerias

Ter sido convidada pela OEI, através da Escola do Olhar / do Museu de Arte do Rio para compartilhamento em um encontro de vivências e práticas de gestão e captação de recursos foi muito rico. A oportunidade de dividir experiências de “cases” com uma turma heterogênea, com realidades diferentes, é sempre maravilhosa!

Acredito que através desse tipo de “iniciativa/programa” é sempre possível incentivar a formação de redes, de novos saberes, de compartilhamento de vivências.

Dividir experiências em planejamento estratégico, gestão e captação de recursos através de diferentes realidades é sempre um desafio, mas muito necessário para a sustentabilidade financeira e organizacional de projetos, instituições, associações etc.

Com a diminuição do apoio e da subvenção governamentais e/ou filantrópicas, a formação de redes de apoio sobre temas relacionados ao planejamento estratégico, à sustentabilidade financeira e à gestão passam a ser pautas importantes.

Desenvolver capacidade de gestão e gestão de risco e de mudanças torna-se cada vez mais necessário em um mundo tão imprevisível e em constante mudança.

Renata Salles

Constelação

Durante a graduação em Educação Artística me apaixonei por museus e, desde 2006, atuo no campo da Cultura e Educação em museus e equipamentos culturais. Prestei serviços para o MAC-Niterói, EAV Parque Lage, Casa Daros, Theatro Municipal (RJ), SESC, Biblioteca Parque Estadual, Museu das Telecomunicações, entre outros // Essas ações me levaram à Especialização em Educação Museal e ao Mestrado em Educação Bilingue (Português-Libras). No ano de 2019 (em meio ao isolamento social) idealizei o Museu do Lápis. Foi a maneira que encontrei para continuar ativa. O Museu do Lápis é um e-museu independente, dedicado à promoção de discussões que têm na onipresença do lápis o objeto afetivo disparador de questionamentos sociorreflexivos. Nosso acervo é composto por duas centenas de lápis de museus e inventários de memórias e histórias de vida disparadas por esse ordinário-extraordinário objeto! Evidenciamos os usos do lápis a partir de questões múltiplas, tais como: letramento/analfabetismo; artes visuais; design; questões ambientais; patrimônio etc.

Anatacha Szczesny Lochi



Anna Luisa Santos de Oliveira

Sou uma mulher preta que se movimenta pelo mundo. Nasci em Itaberaba, no Sertão da Bahia, vivi em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, e atualmente moro no Rio de Janeiro. Esses três territórios têm me ensinado a caminhar. Sou uma investigadora de memórias de mulheres negras, tenho pensado sobre as suas representações e intersecções com o patrimônio cultural e os museus. Para isso, venho desenvolvendo atividades na esfera formal e não formal de aprendizagem em educação patrimonial, investigação da memória e conservação preventiva por meio do estudo de patrimônio e identidades. Realizo atividades na área de curadoria e montagem de exposições, tendo como foco a produção artística, sobretudo negra e periférica, levando em consideração a correlação entre o processo artístico e a educação. Sou museóloga e estou coordenadora de educação do Galpão Bela Maré e estudo doutoramento em Estudos Étnicos e Africanos (PósAfro/UFBA).

Carlos Henrique Vieira da Cunha

Sou mais conhecido como Carlos Marra, sou Capixaba, tenho 34 anos, sou filho do Sr. Levi e da Dona Margareth. Moro na Favela da Nova Holanda, uma das dezesseis comunidades do Conjunto de Favelas da Maré. Sou designer de moda, arte-educador, produtor e gestor cultural, mobilizador e articulador territorial. Estou Conselheiro Tutelar de Bonsucesso. Sou jogador amador de vôlei, adoro viajar, ver filmes e espetáculos teatrais.

Trabalhei na produção e gestão da Lona Cultural da Maré por nove anos, hoje atuo no espaço somente na colaboração. Atualmente estou na gerência de produção da Redes da Maré, da produção do Festival Corpos Visíveis e da Mostra Maré de Música.

Atriz, a mãe da Ana Luiza e do Miguel, crianças cheias de energia que amam arte. Moradora da Zona Norte, da Ilha do Governador (RJ). Pedagoga, pós-graduada em gestão de recursos humanos e licencianda em Artes Cênicas. Professora de Artes Cênicas em curso livre e em escolas regulares na Ilha do Governador. No SESC-RJ atuei nos seguintes bairros: Madureira, Tijuca, Caxias, São Gonçalo e, atualmente, no SESC de São João de Meriti. Atuo como professora de Iniciação teatral para crianças. Mediei as oficinas na Arena Carioca Renato Russo e em Ongs na Comunidade dos Bancários, na Ilha do Governador, por mais de 10 anos. Integrante do grupo GATIG (Grupo de Artes e Teatro da Ilha do Governador), tradicional grupo de teatro do Rio de Janeiro. Criei o Núcleo de Teatro da Ilha do Governador. Ministrei oficinas de teatro na Casa de Cultura Elbe de Holanda, desde sua inauguração até o encerramento das suas atividades em 2013. Realizo um projeto independente, o Godô Podcast (@godo_podcast), podcast voltado para a valorização das trajetórias de artistas de diversos segmentos.

Carol Gomes

Day Medeiros

33 anos, Mulher Periférica, Mãe da Marina, Multiartista, Professora de Artes Visuais graduada pela UFRJ, nascida cria do Conjunto Cesarão, Santa Cruz, bairro da Zona Oeste carioca. Ativista sociocultural, desenvolvedora e gestora de projetos socioeducativos. Tenho 10 anos de múltipla experiência na área de produção cultural, arte e educação social, transitando pelo terceiro setor, por instituições privadas de ensino e ensino público, em todo o ensino básico; pela gerência em projetos de inovação no poder executivo da cidade do Rio de Janeiro e de responsabilidade social corporativa na área de saneamento básico. Durante a pandemia idealizei um movimento de mobilização coletiva (@uczonaoeste) ampliando a articulação com os movimentos culturais do Rio de Janeiro e sigo, há cinco anos, atuando na coordenação do Instituto CASA (@institutocasa), que realiza atividades culturais e oficinas de arte- educação na Favela do Aço, em Santa Cruz.



28 anos, pai, produtor cultural e empreendedor social, cria de Nilópolis, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Idealizador da produtora cultural GNAP OG, coletivo que utiliza do hip-hop e de suas vertentes para o desenvolvimento socioeconômico da periferia sustentável. Realizo curadoria para projetos sobre cultura urbana/hip-hop e consultoria de marketing cultural.

Sou CEO do empreendimento social Hip-Hop Nas Escolas, participante premiado do programa Shell Iniciativa Jovem. Produzo as Rodas Culturais de Nilópolis e do Flamengo, e já produzi a de Mesquita (Telemar) em algumas ocasiões. Em 2014/2015 fui gestor e produtor da Casa de Cultura Galpão 252, em Nilópolis (Baixada Fluminense). Há 10 anos atuo na produção da cultura hip-hop, já trabalhei com os principais nomes do cenário nacional e internacional, como Afrika Bambaataa, Mano Brown, Emicida, Drik Barbosa, Tássia Reis, BK, Djonga, Baco Exu do Blues, Ebony, entre outros, além de produzir e colaborar para os principais eventos e festivais da região metropolitana. Meu objetivo principal é realizar produções culturais e sociais associadas ao lazer e entretenimento de forma acessível, segura, sustentável e de qualidade para jovens, negros, mulheres, LGBTQI+ e periféricos; acreditando que é possível descentralizar a cultura Centro/Zona Sul do Rio, para o subúrbio carioca e a Baixada Fluminense.

Fernando França (Donan)

Gustavo Perdigão



Sou morador do Morro da Conceição, antes mesmo de todo esse burburinho. Formado em Turismo, sou guia credenciado regional e nacional, fotógrafo nas horas vagas (mais por *hobby*, porém a coisa tá ficando séria). Sempre trabalhei em contato direto com o público, fiz estágio no IMS na área de educação, no MNBA fiz estágio e depois trabalhei como contratado no setor técnico da pintura estrangeira. Fiz estágio no posto de atendimento a turistas da Riotur, em Copacabana. Fui professor do projeto Juventude Cidadã, ligado ao ProJovem trabalhador, em Santa Cruz, e fui tutor a distância, pelo CEDERJ, em Turismo e tecnologia. Fiz há pouco o curso de mediadores do MAR e meu intuito é voltar a estar mais presente com a cultura, com os museus e centros culturais e sair deste curso, quem sabe, com um projeto ou melhor sabendo formatar um projeto.



Tenho 37 anos, sou carioca, e atuo como Gestora de Teatros. Oficialmente, sou Gestora do Teatro Municipal de Marionetes e Fantoques Carlos Werneck de Carvalho, localizado no Aterro do Flamengo. Extraoficialmente, também gerencio o Teatro de Guignol Municipal da Tijuca, o Teatro de Guignol Municipal do Méier e o Teatro Municipal Ziembinski. Antes de atuar como Gestora, eu estava Professora da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, atividade que exerci por nove anos, antes de conseguir a migração para essa área, que tanto amo e sempre quis. Sou atriz de formação, tendo estudado em curso profissionalizante, além de outros cursos livres de teatro, TV e cinema. Comecei a estudar teatro em 2001; sou graduada em Letras, Português / Inglês, e pós-graduada em Artes Cênicas. Participei de peças teatrais, fiz pequenas participações em trabalhos na TV, e fundei uma Cia. Teatral, cujas atividades interrompi em 2019 por motivos pessoais. Hoje, meu principal foco é desenvolver bem meu trabalho como gestora, com o qual tenho aprendido bastante a lidar. É preciso aprender mais, trocar mais. Pretendo, em breve, e quem sabe, voltar a atuar.

Ilca Angela



Jacob El-Mokdisi

Dramaturgo, roteirista, escritor, romancista, contista. Vencedor do Prêmio Nacional de Novelas Históricas, na categoria Guerra de Canudos (2012), outorgado pelo Governo da Bahia, através da Fundação Pedro Calmon; premiado no Concurso Nacional de Crônicas João do Rio (2015), pela Academia Carioca de Letras e pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Peças teatrais encenadas: “Azul!” (2015); a adaptação da novela de Franz Kafka “A metamorfose” (2017); e “Enclownsurados” (2021, em Minas Gerais). Semifinalista do Concurso de Roteiros do III ROTA, entre os 20 melhores, com o roteiro “Prisioneira 54”, em parceria com Suellen Casticini. Integrante do Conservatório Brasileiro de Teatro – FUNARTE 2020; contemplado, em 2020, no Edital Cultura Presente nas Redes, com uma oficina de redação de crônicas; criador e roteirista do seriado infantil “Palhasix”, pela produtora Y!Filmes, em fase de pós-produção (estreia prevista para novembro próximo); roteirista do curta “Mil Olhos”, em fase de pós-produção; roteirista do clipe musical “Carne de Primeira”, pela produtora SC FILMES; roteirista do clipe musical “Mecanismo”, pela Produtora SC Filmes. Contemplado com o edital Cultura Presente nas Redes 2 com o projeto “Poesia na fila”. Formado em Física pela extinta FAHUPE, sempre escrevi como uma atividade sem fins lucrativos. Em 2019, após um AVC, que temporariamente me impossibilitou de prosseguir lecionando, passei a me dedicar com exclusividade ao ofício. Literalmente sendo exemplo do adágio “até um pé na bunda nos empurra para a frente”. Após ganhar o “Cultura Presente nas Redes” e fazer uma série de vídeos ensinando técnicas para escrever crônicas, fui convidado a lecionar as técnicas para escrever dramaturgias teatrais no Laboratório Contranarrar e acabei me apaixonando pelo projeto.

Me chamo Jean, Homem Preto no mundo, de coração Olariense e, hoje, morador da Baixada. Assino processos artísticos e projetos curatoriais como Jean C/J. Estudante em processo de conclusão de curso em História da Arte, pela EBA/UFRJ, finalizando também a Qualificação Profissional em Produção Cultural, pelo SESC. Secretário no Instituto de Atividades Afrorreferenciadas Opaxorô - IAAÔ, Estagiário-pesquisador no setor de Gerência de Lonas, Arenas e Areninhas, da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Me coloco em constante formação no que tange aos processos de produção de cuidado para população negra, com e sem deficiência, a partir dos saberes e fazeres ancestrais negros, através das Atividades Afrorreferenciadas e da metodologia de terreiro, conceitos basilares do Laboratório de Estudos Africanos Integrado às Atividades e à Terapia Ocupacional Işę - Lab-Işę, da UFRJ, onde fui pesquisador e extensionista bolsista. Atuei no Museu de História e Cultura Afrobrasileira com o projeto Identidades Abertas, do Laboratório Işę, e desenvolvi a pesquisa sobre o Quantitativo de Equipamentos Culturais Afrorreferenciados no Estado do Rio de Janeiro. Em andamento, a pesquisa sobre os processos de acesso, permanência e fruição cultural da população negra no circuito de Equipamentos Culturais Municipais do Rio de Janeiro, através da SMC/RJ.

Jean Vital de Souza

Joana Penêdo



Sou Joana Penêdo, neta de Dorilza e filha de Rosa Barbosa Penêdo. Nascida e criada em Belford Roxo, baixada fluminense do Rio de Janeiro. Mochileira e viajante, morei na Bahia, em Moçambique e, atualmente, em Niterói, cidade onde me graduei em Biblioteconomia e Documentação, na UFF. Sou pós-graduada em Direitos Humanos, Gênero e Sexualidade, pela FIOCRUZ. Atuo como bibliotecária na Biblioteca José Bonifácio, da rede municipal, localizada no Museu da História e Cultura Afro-Brasileira - MUHCAB, Gamboa.

Acredito no resgate histórico e cultural dos povos ancestrais, na encantaria e no axé. Estar na região da pequena África, além de me proporcionar trabalhar com o incentivo à cultura, leitura, ao letramento racial e a outras atividades culturais e artísticas, me fazem querer, junto ao coletivo dessa zona territorial, divulgar, desenvolver e mostrar a resistência e a cultura viva que um passado tenebroso e colonial tentou apagar da nossa memória. Fico entusiasmada em saber que ainda temos a oralidade e os saberes ancestrais para seguir juntas nesse trabalho diário que é viver sendo um corpo racializado no Brasil. Somos os agentes capazes, por meio da escuta, do olhar, da coragem, responsáveis a dar novos rumos aos que não nasceram com a chance de chegar lá e, por isso, acredito que essa imersão será essencial para construir novos caminhos para a nossa gente! Vivo pelos encantos!

Berg Farias



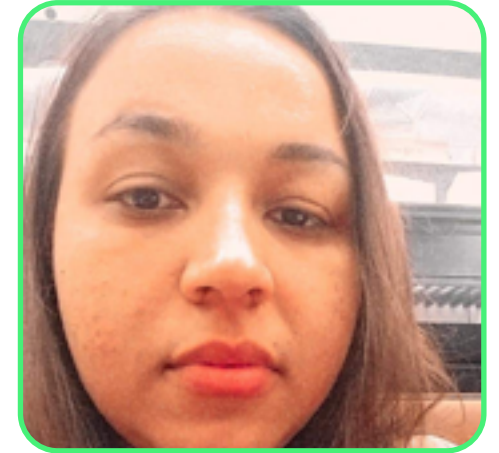
"Révolutionne Avec Légèreté" é a frase que levo comigo na vida e tudo que sonho e desejo produzir como arte, gestor e criador de coisas, que, traduzindo, significa "Revolucionar com Leveza". Assim, sigo na vida e nos projetos que ando fazendo pelo mundo. Sou do sertão nordestino, de uma cidade chamada Santa Cruz, e de lá venho caminhando em vários territórios em que venho e tenho sido convidado a gestar, criar e produzir; em reinos de gente linda e quilombola e no universo da produção da arte para crianças, através de espetáculos de bonecos e arte em ruas. Meu nome é bem comprido, mas pra abreviar gosto de ser chamado de Berg Farias. Sou artista, gestor cultural, circense, bonequeiro, produtor e gente! Na oficina quero encontrar novos olhares para o mundo e os territórios que nos cercam, pensando nas pequenas revoluções cotidianas com a leveza do pássaro mudando as rotas.



Juliana Gonçalves

Me chamo Juliana Gonçalves, trabalho como produtora desde 2015 e, também, como Diretora de Produção Teatral; estou em formação pela UFF em Produção Cultural. Sou formada pela AIC-RJ em Produção Audiovisual e Produção Executiva para Cinema. Já trabalhei na Gerência de Cultura do Sesc-RJ, onde atuei nas áreas de Música e Audiovisual. Também fui produtora na Agenda Cultural do Museu da Justiça, produzindo concertos de música clássica nacionais e internacionais, gratuitos. Simultaneamente, trabalho com a elaboração de projetos culturais, nos quais atuo como coordenadora de produção. Já enquadrei projetos em leis de incentivo fiscal, como a Rouanet e o ISS, ganhei editais de ocupação, por exemplo, os da Funarj, e circulei com espetáculos teatrais, e editais de fomento direto, mais recentemente, realizando o curta-metragem *As Plantas no meu Quintal* (2020), em parceria com a Tekohá D'jei – Aldeia Guarani Nhandeva de Rio Pequeno, Paraty - RJ, e o média-metragem *Império Nacionalista - Manifesto Descolonializante* (2021) – ambos financiados pela Lei Aldir Blanc – e, mais recentemente, “O Karaíba” (2022 – em produção), uma adaptação da obra literária de Daniel Munduruku, pelo FOCA 2021. O que me move é unir o revisionismo histórico decolonial, com recorte especial em pautas indígenas, à realização cultural.

Sou Karen Merlim, tenho 29 anos, moro em São Gonçalo. Sou formada em Biblioteconomia e Documentação pela UFF, pós-graduada em Gestão de Bibliotecas, pela UCAM, e atualmente sou mestranda pelo programa de pós-graduação de Ciência da Informação da UFF. Trabalho na Biblioteca do Museu de Arte do Rio desde 2017. Iniciei como estagiária, sendo reconhecida como auxiliar de acervo e alcancei o cargo de bibliotecária em 2019. Antes disso, passei por algumas experiências no campo da cultura, sendo auxiliar na Superintendência de Leitura e Conhecimento da SEC-RJ, e depois tive a oportunidade de trabalhar na Biblioteca Parque Estadual, onde conheci grandes profissionais e pude aprender mais sobre a minha área de especialização. Por esse caminho, conheci grandes gestores nos quais me espelhei e pude crescer como profissional e pessoa. Estive em grandes projetos desenvolvidos pelo MAR, sempre contando com profissionais qualificados e disponíveis para ajudar. Se quiser saber mais, te convido a me fazer uma visita para que possamos trocar mais experiências.

Karen Merlim

Sou Karyne, professora de biologia, mestranda em Educação e produtora cultural. Como educadora, busco construir nos espaços em que atuo com uma educação antirracista, voltada para a valorização da cultura negra e periférica. Como produtora, atuo junto ao Coletivo Slam Laje, que promove batalhas de poesia falada no Complexo do Alemão e junto à *rapper* e escritora MC Martina, com a qual estive recentemente engajada na produção do livro *Nunca Foi Sorte, Sempre Foi Poesia* e do curta-metragem de mesmo nome.

Karyne dos Passos Oliveira Santos

**Leticia Rodrigues Bastos
Rosa da Silva**



Me chamo Leticia e sou professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro na área da Pavuna, atendendo jovens de 11 a 17 anos em uma escola na modalidade de Turno único, onde os estudantes passam a maior parte de seu dia na escola. Atuo como Coordenadora Pedagógica e me inscrevi neste curso de formação porque vi a oportunidade de conhecer e elaborar ideias que envolvam arte e cultura e que possam contribuir na aprendizagem e no protagonismo dentro e fora do espaço escolar, além de oportunizar a vivência cultural através da educação.

**Lidiane Figueira de Campos
Malanquini**



Sou Lidiane Malanquini, tenho 34 anos, sou uma mulher branca e cria do Cachambi, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Sou filha de Luiz e Sonia, que me fizeram flamenguista e fã de rodas de samba e bons pagodes. Sou produtora cultural, assistente social e doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, coordeno a Lona Cultural Herbert Vianna, localizada no conjunto de Favelas da Maré. Há 14 anos atuo na gestão de projetos sociais em favelas do Rio, desde ações de acolhimento direto a moradores, processos de mobilização comunitária e pesquisas. Atuo na Redes da Maré desde 2015, em projetos relacionados a articulação e mobilização comunitária, política de drogas, segurança pública e, agora, na gestão cultural.

Sou Lorena Gomes, tenho 26 anos e sou moradora da cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Comecei minha formação como cientista social pela UFF, e estive inserida em movimentos de acesso à cultura em comunidades como produtora cultural, artista e arte-educadora. Moradora da cidade de Niterói (RJ), estou estagiária no Museu de Arte Contemporânea de Niterói – MAC.

Lorena Gomes de Souza



Me chamo Mariana Cunha Callegario, sou intérprete/dançarina, coreógrafa, professora e pesquisadora em Dança. Formada em Bacharelado em Teoria da Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestra em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Nascida e criada em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, tenho a arte/dança/fazer artístico como combustível principal. Durante o processo de formação e atuação são, aproximadamente, 15 anos de experiências diversas com a Dança e a produção cultural, desde ministrar aulas em escolas públicas e privadas da Baixada Fluminense, até a produção de espetáculos e mostras de artes com projetos dentro e fora da Universidade. Atualmente estou como gestora na Areninha Carioca Renato Russo, traçando caminhos de encontros e reencontros dentro e fora da profissão, articulando e mostrando que é possível viver cultura!

Mariana Cunha Callegario



Murilo Ferreira Quintão



“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce...” A partir dos versos de Fernando Pessoa defino a minha vida e carreira. O que Deus quer ainda é um mistério, meus sonhos vão se construindo, sem tempo ou espaços precisos, vindo a nascer as obras no amadurecer de longos períodos. O desejo habita em mim, a motivação pode estar na próxima esquina e, quando os dois se encontram, o processo se desencadeia. Graduado em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela UFRJ, escolhi analisar os espaços de disputas a partir da ótica da cultura, da ciência, da política e da economia. Servidor, desde 2014, na Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da UFRJ, estou atuando como Diretor da Divisão de Administração desde 2018, onde desafios diários se apresentam na arte e na ciência de gerir um espaço cultural público. Paralelamente a essa atividade, me dedico à pesquisa no campo da Museologia e da História da Arte Sacra como mestrando do Programa de Pós- Graduação em Museologia e Patrimônio - UNIRIO/MAST. Tenho por objetivo ouvir a experiência dos outros profissionais e me familiarizar com possíveis novas técnicas de gestão cultural e, se possível, contribuir com a troca de informações e conhecimentos relativos à área.

Paulo Violante



Sou Paulo, nascido no Rio de Janeiro, mas sempre vivi no Espírito Santo e em outros tantos lugares. Sou oriundo da área de Engenharia Mecânica, com especialização em Projetos, sobretudo atuando na gestão comercial e de relações governamentais de diferentes empresas privadas e de diferentes segmentos. Sou, também, produtor cultural. Antes aspirante de teatro e de canto, o que me proporcionou amigos e parcerias para toda a vida. Produtor Executivo do Programa Estúdio Móvel e Produtor do coletivo MakeCollection, que divulga a produção de RAP e TRAP de jovens artistas da região de Guaratiba, no Rio de Janeiro. A arte sempre fez parte da minha vida de muitas formas. Fui artista plástico surrealista na adolescência, pintor de paredes temáticas de salas de aulas de Jardim de Infância e tantas outras histórias e produtor no Teatro e na Música. Meu objetivo é aprender, conhecer, aplaudir e coexistir com todos em um ambiente criativo, colaborativo, de arte e de inteligência.



Phaedra Lessa



Sou pernambucana, com alma cigana, vim para o Rio de Janeiro em 1997, para estudar e, posteriormente, trabalhar com audiovisual. Acredito que as expressões artísticas e as relações humanas são fios que se encontram e expandem nosso potencial. Gosto do humano, das trocas, do estar e fazer juntos, das possibilidades de criar conexões através da cultura, da arte e dos afetos. Graduada em Comunicação Social, Relações Públicas, pela UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco, e com Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação pelo IFRJ - Instituto Federal do Rio de Janeiro. Atuo com Produção Cultural, desde 2018, na gestão da Mostra Arte das Quebradas, com o objetivo de reunir e fruir saberes e fazeres de artistas, produtores e educadores que vivem e/ou atuam nas periferias e favelas. Trabalho com elaboração de projetos culturais e inscrição em leis de incentivo e editais. Ofereço Oficinas em Elaboração de Projetos e Fontes de Financiamento. Realizei, em 2017, o Curso de Extensão Universidade das Quebradas, PACC/Letras/UFRJ/MAR. Nesse mesmo ano e até 2019 atuei na gestão colaborativa e na coordenação pedagógica da Universidade das Quebradas. Em 2022 aconteceu a segunda edição da Mostra, projeto contemplado pelo edital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro.

Priscila Andrade



Recém-doutora em Design, com tese sobre o carnaval dos Bate-bolas e das Bate-boletes do subúrbio do Rio de Janeiro que reflete sobre o vestir para o cotidiano e vestir para o ritual. Minha dissertação do mestrado (PUC-Rio) é sobre o trabalho da designer brasileira Zuzu Angel. Sou, também, especialista em História da Arte e Arquitetura do Brasil (PUC-Rio), além de graduada em Desenho Industrial (ESDI-Uerj) e graduada em Moda (UVA-Rio). Sou professora desde que terminei a graduação, mas sempre atuei também para o mercado. Como sócia-fundadora do estúdio Zellig, já desenvolvi muitos projetos expositivos, editoriais, gráficos e de moda.

De uns anos para cá, desde que ingressei no Departamento de Artes & Design na PUC-Rio (quadro complementar), sou professora em disciplinas de projeto e pesquisadora do Laboratório Design de Histórias (Dhis PUC-Rio). Minha atuação hoje é voltada para o Design Social e preza pela sustentabilidade comunicacional, sempre na área da cultura.



Rafaela Guse

Vivenciando o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, em que minha geração era contagiada pela efervescência da Cultura Urbana movida pelo Hip-Hop, acompanhei os shows dos Racionais MC's, a evolução do Graffiti no Município e o surgimento das primeiras Rodas Culturais dos Rimadores da Lapa – definindo assim meu perfil profissional como ativista cultural. A partir daí, eventos como a composição do grupo de discussão para a fomentação do Dia Estadual do Hip-Hop (Lei nº 6.910/14); a “1ª Conferência Livre de Hip-Hop” (FEBARJ-2015); o Desafio dos Pensadores – Especial Guerreiras da Rima (PUC Rio - 2015); a Festa Literária das Periferias – FLUPP – Especial Cidade de Deus 50 anos (Cidade de Deus -2016); o evento Mundo da Lua = CDD Natal Feliz (Rivalzinho - 2016) e a Roda de Debates – *Hip-Hop, que Conceito é Este* (Arena Dicro - 2017), nos quais atuei como debatedora, apresentadora e articuladora da inclusão do papel da mulher na sociedade por meio do Hip-Hop e através do Coletivo Feminino *WestCoastRJBrasil*.

Renata Araújo Barbosa

Eu sou Renata Araújo, produtora cultural, intérprete, dançarina e professora de dança. Já participei de diversos grupos e coletivos culturais e aprendi que criar redes e conexões é de extrema importância para a vida. Acredito que a arte é uma grande ferramenta de transformação e conhecimento para o indivíduo e quero muito colaborar para que essas transformações cheguem a muitas pessoas.

Nascida em 1989, vivi na Cidade de Deus (CDD para os íntimos) até os 8 anos e me mudei para Campo Grande, na Zona Oeste do Rio, onde fui criada. Cheia de sonhos, curiosa por natureza, ávida por novas experiências. Família grande, espalhada pelo Rio de Janeiro, desde criança fui habituada a frequentar e a pertencer a todos os espaços da cidade. Hoje, aos 33, moro em Santa Cruz, onde trabalho e crio dois filhos incríveis. Trabalho na educação pública há quase 10 anos, e a partir disso senti aflorar meu interesse pela área. Apesar de atualmente exercer a função de secretária escolar, sou professora por formação e estudante de Pedagogia. Durante a pandemia, comecei o projeto *Pretagogia*, e fui levada a novos olhares sobre educação antirracista, cultura e território. Com o curso, espero adquirir conhecimento, trocar experiências, ampliar minha rede de conexões e expandir os horizontes para desenvolver esse trabalho.

Samara Barroso

Suellen Casticini

Mestranda em Artes Cênicas na UNIRIO e bacharel em Artes Cênicas – Habilitação em Direção Teatral, pela UFRJ. Como diretora, fez oito espetáculos, com passagem por diversos festivais. Além da indicação ao Prêmio Shell, na categoria inovação (2016). Como dramaturga, foi finalista da terceira turma do Núcleo SESI de Dramaturgia. Tive o texto *Vespa-Joia* representando o Rio de Janeiro no Festival de Curitiba (2018); *Trilhos* foi finalista do FESTU - Festival Universitário (2018); e fui vencedora do Festival Sonoridades Cênicas (2021), com a dramaturgia *As cinco fases da morte de um palhaço*. Como roteirista, participei do Laboratório de Narrativas Negras para o Audiovisual (2019). Atualmente coordeno o Laboratório Contranarrar, que é um espaço de pesquisa e produção dramatúrgica focado na criação e em debates de escrita para o teatro que coloquem em voga as narrativas das regiões periféricas do Rio de Janeiro. Este projeto, contemplado no FOCA (2021), estimula uma escrita direcionando o olhar para a periferia, buscando identificação e pertencimento dos artistas locais. O Contranarrar é um canal entre dramaturgos de periferia com diretores e atores dos territórios periféricos e de outros territórios mais convencionais artisticamente (Centro e Zona Sul), criando redes de produções artísticas, visando também à formação de plateia nessas regiões.

Sou assistente administrativo na Escola do Olhar, no Museu de Arte do Rio. Já trabalho na área cultural há quase sete anos. Sou formado em História pela UNESA e atualmente curso Museologia na UNIRIO. Sou morador da região portuária, nascido e criado no Morro da Providência. Gosto de trabalhar com projetos, especialmente na produção executiva e com gestão orçamentária (sim, eu sou o garoto da burocracia). Já participei de vários projetos no Museu do Amanhã, desde a produção executiva de eventos institucionais a montagens de exposições.

Também sou DJ nas horas vagas, gosto bastante de música eletrônica e desenvolvo pesquisas sobre o tema, principalmente *house* e *techno*.

Wellington Rodrigues Ribeiro





Ler, ver, consultar

Esta seção traz uma curadoria de referências de livros, artigos, vídeos, atividades, filmes, *lives*, etc. que circulam nas temáticas do Laboratório e da discussão cultural, porém outras a extrapolam, estando conectadas a atravessamentos experimentados pela equipe no tempo presente. No decorrer do Laboratório, os participantes também foram estimulados a trocar sugestões bibliográficas com o grupo.

Livros

A educação em artes em um mundo em convulsão – direitos, convivência e cultura de paz.
Lucina Jimenez. *Revista Observatório 24 – Arte, cultura e educação na América Latina*, Itaú Cultural, jun-dez 2018.

A imagem da Cidade
Kevin Lynch. Editora Martins Fontes, 2011.

A Outra Margem do Caminho
J Krishnamurti, ICK, 1972

A planta do mundo
Stefano Mancuso. São Paulo: Ubu, 2021.

A vida não é útil
Ailton Krenak. Cia das Letras, 2020.

A Vida Social das Coisas
Arjun Appadurai. Niterói: Editora Eduff, 1986

Medium

Beth Pontes
Ensaaios e textos.

Cidade Caminhável
Jeff Speck. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016

Comunicação Não Violenta
Marshall B. Rosenberg. São Paulo: Editora Ágora, 2021

Issuu

Convivência Intercultural: perspectiva latino-americana
Edição Especial Observatório Itaú Cultural, 2020

Entrevistas, v. 1, 2, 3
Hans Ulrich Obrist. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2009.

Fronteiras do Pensamento. Os sentidos da vida
Fernando Schuller. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.

Imaginação, reinventando a cultura
Marta Porto. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

Lugares de Origem
Ailton Krenak. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021

Marta Porto
Ensaaios e textos

[martaporto.com.br
exame.com/marta-porto/](http://martaporto.com.br/exame.com/marta-porto/)

Memórias da Plantação
Grada Kilomba. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

Musing on Culture
Site da pesquisadora Maria Vlachou

musingonculture-pt.blogspot

Notas sobre a pandemia
Yuval Harari. Companhia das Letras, 2020.

O Futuro dos Museus
András Szántó. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.

O Manifesto das espécies companheiras
Donna Haraway. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

O que temos a ver com isto?
Maria Vlachou. Tigre de Papel, 2022.

Onde Aterrar no Antropoceno?
Bruno Latour. São Paulo: Editora Bazar do Tempo, ano?

Os Sentidos da Vida
Fernando Schüller. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2022.

Pensar a cultura
Cassiano Elek Machado (Org.). Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

Músicas

Spotify	<i>Coisa N1</i> Moacir Santos
Spotify	<i>Alguém Cantando</i> Caetano Veloso
Youtube	<i>Esperança</i> Flute and Kora (Thiago Osório e Maycon Lack).
Youtube	<i>Sinnerman</i> Gilber T
Youtube	<i>Te Quero Comigo</i> Minha Pequena Soundsystem
Youtube	<i>Ela é Grajaú</i> Homobono Oficial
Youtube	<i>Balada do amor inabalável</i> Skank
Youtube	<i>Dia Branco</i> Geraldo Azevedo
Youtube	<i>Pétala</i> Djavan

Podcast

Spotify	<i>Foro de Teresina</i> Podcast de política da Revista Piauí. Produção Rádio Novelo.
Spotify	<i>Mano a Mano</i> Podcast original do Spotify conduzido pelo rapper Mano Brown.
Spotify	<i>Xadrex Verbal</i> Podcast de notícias da geopolítica internacional. Produzido pela Central3.

Filmes

Poder Além da Vida
2006. Direção: Victor Salva.

The Matrix (1999). *The Matrix Reloaded* (2003),
The Matrix Revolutions (2003).
Direção: Lilly Wachowski / Lana Wachowski.

Quem somos nós?
2004. Direção: Mark Vicente, William Arntz, Betsy Chasse.

A conspiração da Lâmpada
2010. Direção: Cosima Dannoritzer.

A life on our planet
2020. David Attenborough e nosso planeta.
Documentário original Netflix.

Eu Não Sou Seu Negro
2016. Direção: Raoul Peck.



O Laboratório de Espaços Culturais® é um espaço dedicado a reflexões e trocas de experiências entre gestores culturais e profissionais da cultura. Essa edição foi realizada entre os dias 12 e 16 setembro de 2022, compondo 16 horas de carga horária e integrando a proposta pedagógica da 1ª Edição do Curso de Formação de Gestores Culturais – Escola do Olhar – Museu de Arte do Rio.

**1A EDIÇÃO DO CURSO DE FORMAÇÃO
DE GESTORES CULTURAIS
ESCOLA DO OLHAR — MUSEU DE ARTE DO RIO**

LABORATÓRIO DE ESPAÇOS CULTURAIS®